

A SITUAÇÃO NA PENÍNSULA COREANA E O NOVO EQUILÍBRIO REGIONAL

The situation in the Korean Peninsula and the new regional balance

Pedro Vinícius Pereira Brites ¹

Os testes balísticos realizados na península coreana, entre o final de 2012 e o início de 2013, e o teste nuclear realizado pela Coreia do Norte (República Democrática Popular da Coreia, RDPC) em fevereiro de 2013, recolocaram a questão da península coreana no cerne do equilíbrio regional. A Coreia do Sul, de forma inédita, pôs em órbita o foguete NARO-1, construído a partir de tecnologia russa. A RDPC lançou o foguete UNHA-3 e pôs em órbita um satélite em dezembro de 2012, e em fevereiro de 2013, realizou seu terceiro teste nuclear que, segundo estimativas, foi duas vezes mais potente que o de 2009. O acirramento da tensão entre os países vizinhos demonstrou que a questão securitária coreana ainda permanece latente e que o governo norte-coreano está mais estável do que chegou a se supor.

Embora o programa nuclear norte-coreano exista desde meados da década de 1960, foi no pós-guerra fria, que ele entrou, definitivamente, na pauta de segurança regional. Os primeiros acordos visando uma desnuclearização da Coreia do Norte foram realizados no final da década de 1980, durante a presidência de Roh Tae-woo, na Coreia do Sul, quando a redemocratização do país facilitou a aproximação com os vizinhos do norte. Kim Il-Sung, o líder norte coreano à época, paralelamente, buscava a reinserção do país no cenário global após o colapso do seu principal aliado, a URSS em 1991. No âmbito regional, na China e no Japão crescia o interesse por fortalecer os laços regionais

¹ Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS), Bacharel em Relações Internacionais pela UFRGS. E-mail: pvbrites@gmail.com.

que avançavam aos poucos desde a década de 1970. Nos EUA, o governo Clinton, fomentava a aproximação das duas Coreias. Essa conjugação de fatores levou à Declaração Conjunta de 1993 e ao Acordo de Genebra de 1994 entre Coreia do Norte e EUA. Basicamente, esses acordos acabavam com o perigo da nuclearização da Coreia do Norte, pois previam a substituição dos reatores de grafite pelos reatores de água leve (RAL)², e o fornecimento de combustível à Coreia do Norte até que a troca fosse realizada.

Esses acordos demonstraram duas coisas: primeiro que a Coreia do Norte estava disposta a abrir mão de sua capacidade nuclear desde que preservado seu regime político e sua condição de igualdade frente à Coreia do Sul; segundo que a resolução da questão nuclear só seria resolvida quando tratada em termos regionais. Porém, a morte de Kim Il-Sung em 1994, que levou ao poder Kim Jong-Il, somada à ascensão do líder Kim Young-Sam no sul, contribuiu para que os avanços alcançados fossem congelados. Embora EUA, China e Japão tenham incentivado o diálogo com a Coreia do Norte, o conservadorismo da elite sul-coreana freou o aprofundamento da aproximação. Os sul-coreanos acreditavam que o colapso do norte era iminente, e que, por consequência, as negociações seriam desperdício de tempo, por isso não deram o suporte suficiente para a implementação dos acordos. Esse panorama acabou por minar a resolução imediata do problema.

Somente com a eleição de Kim Dae Jung, em 1997, que representou uma inflexão na história política sul-coreana o processo voltou a evoluir. Desde a fundação do país em 1948, foi a primeira vez que a oposição assumiu o poder na Coreia do Sul. Kim Dae Jung defendia um diálogo ativo com o norte, e a reaproximação dos dois países, através de uma política conhecida como *Sunshine Policy*. A *Sunshine* foi uma política de cooperação e reconciliação com o norte, e de apoio às iniciativas norte-coreanas de aproximação com Washington e Tóquio (VISENTINI, 2012). Assim, o panorama do final da década de 1990 sugeria que a questão norte-coreana teria uma

² Os reatores de água leve são reatores mais caros, mas com uma capacidade de produção muito mais eficiente e com baixíssimo potencial para a produção de arsenal nuclear.

resolução. Entretanto, com a eleição de George W. Bush, para a presidência dos EUA, em 2000, os esforços de aproximação foram soterrados. Apesar da Sunshine Policy, o novo governo estadunidense não cumpriu as determinações do acordo de 1994, não seguiu as diretrizes sugeridas pelo Relatório Perry de 2000³, e, além disso, incluiu o país de Kim Jong-Il na relação do chamado Eixo do Mal (CUMINGS, 2004). Quando os EUA incluíram a Coreia do Norte na lista de possíveis alvos de um ataque nuclear estadunidense, infringindo o TNP⁴, a Coreia do Norte denunciou e se retirou do tratado (STATEMENT, 2003).

Esses eventos ensejaram uma nova rodada de negociações chamada de Negociações das Seis Partes. Essas negociações incluíam, além dos vizinhos coreanos, Japão, EUA, China e Rússia. O primeiro resultado efetivo foi em 2005, com o lançamento da Declaração Conjunta das Seis Partes. Essa declaração reafirmou os princípios dos acordos da década de 1990, e previa o fim das ameaças entre Coreia do Norte, Coreia do Sul e EUA. Todavia, em 2006, o Tesouro norte-americano pressionou para que bancos asiáticos decretassem o congelamento dos ativos norte-coreanos em Macau e em outros lugares. Em resposta, no mesmo ano, a RDPC testou mísseis de curto, médio e longo alcance. Por fim, procedeu com seu primeiro teste nuclear para fins bélicos. Esse teste gerou uma forte reação da comunidade internacional, o que levou a ONU a adotar a resolução 1718, que estabelecia várias sanções contra a RDPC (CHANLETT-AVERY & SQUASSONI, 2006).

Em 2007, após grande pressão chinesa, a Coreia do Norte retornou à mesa de negociações e obteve mais um acordo. Esse acordo previa a desnuclearização da península, e o desmantelamento da planta nuclear de Yongbyon. A RDPC cumpriu com todas as exigências, porém com o retorno do partido conservador na Coreia do Sul, em 2009, e a ascensão de Lee Myung-Bak ao poder, a Sunshine Policy foi oficialmente abandonada e a instabilidade na península voltou a crescer. Esse novo retrocesso

³ Esse relatório, feito no Governo Clinton, sugeria que aos EUA buscar a aproximação diplomática com a RDPC, relaxar o regime de sanções econômicas e adotar passos positivos com o objetivo de normalizar as relações entre os dois países.

⁴ O Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) proíbe que um país com armamento nuclear ameace um país que não as possua.

culminou, em 2009, em novos testes de mísseis e num novo teste nuclear norte-coreano. Mais uma vez a RDPC respondia com agressividade a um retrocesso na aproximação com EUA e Coreia do Sul. O governo de Lee Myung-Bak, claramente, representou um retrocesso nas relações intercoreanas. Apesar de um cenário regional aparentemente favorável, dada a concomitância de governos pró-conciliação (PDJ no Japão, Hu Jintao na China e Obama nos Estados Unidos), o diálogo da RDPC com os vizinhos não evoluiu. Basicamente, isso deriva da postura agressiva da Coreia do Sul e da vacilante política externa dos EUA para a península.

O torpedeamento da corveta sul-coreana Cheonan, em 2010, colocou, mais uma vez, a situação na península coreana no cerne da agenda securitária regional. O governo de Lee culpou o norte pelo ataque, apesar de existirem divergências sobre as verdadeiras causas do afundamento do Cheonan. As relações se deterioraram, por conseguinte, de forma muito significativa. Essencialmente, a política de Lee consistia na tentativa de anexar o norte sob a égide capitalista e substituir o Japão como aliado prioritário dos EUA na região. Nesse sentido, instrumentalizar a questão da Coreia do Norte contribuiu para esse projeto à medida que coloca a península no centro da estabilidade regional. A resposta norte-coreana ao endurecimento do sul veio através de disparos na Zona Desmilitarizada que separa os dois países; persistindo na sua política de *brinkmanship*⁵ que permite ao país continuar pautando, ao menos minimamente, a política interna sul-coreana.

A morte de Kim Jong-Il, no final de 2011, parecia indicar o fim da capacidade do regime do norte de manter-se estável mesmo após inúmeras crises econômicas, humanitárias e energéticas. Todavia, logo que assumiu o poder, Kim Jong-Un, mostrou força ao realizar testes balísticos e remanejar as principais lideranças do governo, cedendo mais poder ao Partido dos Trabalhadores Coreanos em detrimento dos quadros do Exército. Essas manobras procuravam mostrar que o regime do norte continuava firme e coeso, ao contrário do que o governo sul-coreano imaginava. A política de

⁵ O *Brinkmanship* é a prática de forçar alguns eventos perigosos até o máximo limite possível do desastre com o objetivo de obter as máximas vantagens possíveis.

brinkmanship continuou a ser empregada, e assim, no final de 2012, mais um teste balístico foi realizado. Cabe destacar que esse teste ocorreu em um período próximo ao processo eleitoral na Coreia do Sul, reafirmando o *modus operandi* norte-coreano.

A eleição de Park Geun-hye, do partido Saenuri (mesmo partido de Lee Myung-Bak) no fim de 2012, reforça a tendência de agravamento das relações com a RDPC. O sucesso no lançamento do NARO-1 mostrou que o país está disposto a elevar o tom das disputas com o norte, e reposiciona o país no concerto regional; afinal, era o único país do Leste Asiático que não tinha realizado um teste desse tipo com êxito. A resposta norte-coreana veio rápida e no mesmo tom. O teste de mais um dispositivo nuclear demonstra que o país está disposto a manter sua política de acirramento das tensões quando o sul se mostrar agressivo, ou estiver às vésperas de um momento político decisivo.

Por outro lado, Kim Jong-Un parece estar disposto a, paulatinamente, abrir a economia norte-coreana e aproximar o país da comunidade internacional. A Coreia do Norte sofre de severas carências econômicas, energéticas e alimentares e é difícil crer que o país consiga manter-se isolado por muito tempo, em que pese a incrível capacidade de resiliência do país. A Coreia do Sul, por sua vez, também sofre de restrições energéticas e já manifestou a necessidade de obter um entendimento mínimo com o norte com vistas a construir uma infraestrutura energética comum que permita suprir suas deficiências energéticas a um custo mais baixo, compatível com o crescimento econômico do país.

No curto prazo, a dinâmica de endurecimento-distensão que marca as relações coreanas deve manter-se. Os testes recentes são exemplos da política de aproximação-atrito que vigora há anos. Ou seja, não é de se esperar uma alteração brusca no padrão de relacionamento que persiste nos últimos anos. Tendo em vista que essa é uma questão que provavelmente só será resolvida a partir de uma concertação regional, a recente vitória de facções e partidos conservadores em todos os países da região redimensiona a situação na península coreana. Embora, o Leste Asiático esteja cada vez mais interdependente economicamente, e que por isso, seja difícil crer em uma escalada

na tensão das relações regionais, o panorama político atual não permite que essa hipótese seja descartada. Destarte, o recrudescimento das relações sino-japonesas e o aumento do engajamento estadunidense na região podem levar a um acirramento das relações intercoreanas.

REFERÊNCIAS

CHANLETT-AVERY, Emma & SQUASSONI, Sharon. **North Korea's Nuclear Test: Motivations, Implications, and U.S. Options**. CRS Report for Congress. Washington: Library of Congress, 2006.

CUMINGS, Bruce. **North Korea: Another Country**. New York: The New Press, 2004.

STATEMENT of the DPRK Government on **Withdrawal from NPT**. Pyongyang: 10 de janeiro de 2003.

VISENTINI, Paulo G. F.. **As Relações Diplomáticas da Ásia**. Belo Horizonte, Mg. Editora Fino Traço, 2012.

Artigo recebido dia 25 de fevereiro de 2013. Aprovado em 30 de abril de 2013.

RESUMO

O artigo analisa o impacto dos recentes testes balísticos realizados pelas Coreias para as relações entre os dois países e para o equilíbrio regional. Destaca-se a evolução da questão nuclear e as mudanças políticas ocorridas na península. Conclui-se que é uma continuação do padrão de aproximação-atrito vigente há duas décadas.

PALAVRAS-CHAVE

Península Coreana, Testes Balísticos, Equilíbrio Regional.

ABSTRACT

The paper analyzes the impact of the recent ballistic tests made by the Koreas to the relations between the two countries and to the regional balance. It is highlighted the evolution of the nuclear issue and the political changes occurred on the peninsula. It was concluded that it is a continuation of the pattern of approximation-friction current for two decades.

KEYWORDS

Korean Peninsula, Ballistic Tests, North Korean nuclear issue.